EVOLUÇÃO NA CONSTRUÇÃO EXECUÇÃO DO VIOLÃO CLÁSSICO

Alaor Chaves

Antônio de Torres, o criador do violão clássico moderno

O violão clássico moderno (*classical guitar*), também chamado guitarra espanhola, foi desenvolvido na Espanha no século 18. Disputa com o piano e o violino a distinção de ser o instrumento musical mais popular do mundo. Em países como Espanha e Brasil, é o instrumento mais popular. É importante distingui-lo do violão flamengo, ou violão cigano, também desenvolvido na Espanha, reativamente pouco usado fora daquele país. O violão flamengo, usado muito frequentemente para acompanhar dançarinos e cantores flamengos, tem um som mais percussivo e mais rapidamente amortecido. Sua construção, em outros muitos aspectos bem semelhante à do violão clássico, é concebida para ressaltar essas características.

O espanhol Antônio de Torres (1817 – 1892) é chamado o pai do violão clássico moderno. Seus violões eram tão superiores aos dos seus contemporâneos que os melhores violonistas da época logo aderiram aos seus instrumentos. Dentre eles inclui-se Francisco Tárrega, compositor e violonista espanhol (1852 – 1909), que no link abaixo é visto tocando sua música Capricho Árabe em um violão Torres, provavelmente fabricado para Tárrega quando Torres o conheceu, em 1887.

https://www.youtube.com/watch?v=y_goHl-GuNk

Torres aumentou o tamanho do violão, estabelecendo as dimensões adotadas até hoje, com pequenas variações. O comprimento típico das cordas, usado por ele, é 650 mm, o que permanece válido para os violões de hoje; embora o comprimento mais comum seja 650 mm, há variações na faixa 640 – 664 mm. Como o tampo (*soundboard*) do violão foi aumentado por Torres e também tornado mais fino, teve de ser enrijecido por travas *(bracing*), que também têm o efeito de balancear os graves e agudos. Um desenho de travas usadas por Torres, em forma de leque, pode ser visto na Figura 1. Enfim, Torres estabeleceu o padrão sobre o qual a construção do violão tem evoluído até recentemente.

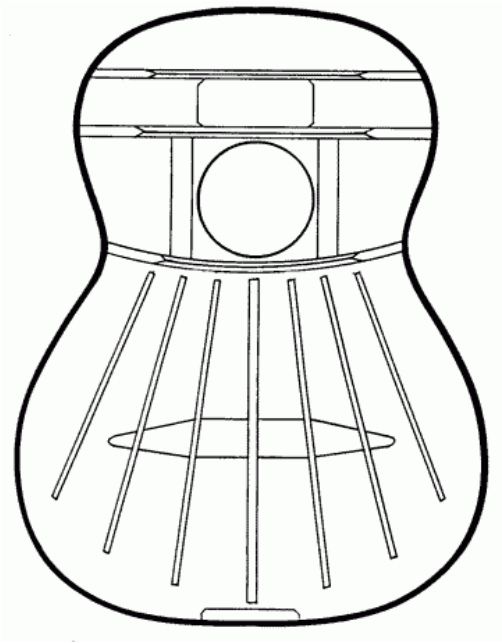

Fig. 1 Travas em forma de leque usado por Torres no tampo de seus violões. Fonte: classicalguitarmagazine.com/10-classical-guitar-innovations-from-antonio-de-torres/

Madeiras usadas na construção de violões

A madeira com maior efeito sobre o som de um violão é a usada no seu tampo (*soundboard*). Até meados do século 20, a madeira usada na fabricação dos violões *premium*, e também a favorita dos concertistas, era o abeto (*spruce*), uma conífera do gênero *Picea*, de lento crescimento, das regiões mais frias do hemisfério norte. As espécies de abeto mais usadas no *soundboard* não só dos violões, mas também dos violinos, violas, violoncelos e pianos, são *sitka*, *engelman* e *adirondack*. Os abetos, principalmente o *sitka*, conferem ao violão um som límpido e muito bonito. Também são usados no tampo dos violões o mogno, o bordo e o pinho, mas raramente nos instrumentos *premium* usados pelos concertistas. O luthier José Oribe, que conheci em sua loja em Los Angeles em 1973, estava usando sequoia nos tampos, mas já admitia que tal escolha teria de ser interrompida pela extrema escassez e alto custo da madeira. Voltaremos a falar sobre as madeiras usadas nos tampos de violão.

Para o fundo e os lados da caixa acústica do violão, a melhor madeira é o jacarandá (*rosewood*). O escolhido pela maioria dos grandes luthiers é o jacarandá da Bahia (*Dalbergia nigra*). Como a colheita deste jacarandá está proibida no Brasil, único país onde ela se encontra, outros jacarandás têm sido usados, principalmente o da Índia. Também são usados o bordo (talvez o melhor para os violões flamengos), o mogno, o sapele (madeira africana) e a acácia do Havaí. Para o braço, a madeira preferida é o mogno de duas espécies e logo depois o cedro da espécie *Cedrela fissilis*, principalmente por não se empenarem pelo efeito da tensão das cordas. Para o espelho do braço (suporte para a escala), o ébano é quase sempre a madeira eleita.

Evolução na técnica de fabricação nos séculos 20 e 21

O extraordinário trabalho de Torres foi seguido por outros grandes luthiers. No século 20, dentre os seguidores destacam-se principalmente Hermann Hauser I (1882 – 1952), Ignacio Fleta (1897 – 1977) e José Ramirez (1858 – 1923). Todos eles foram sucedidos por filhos e netos que não se mostraram capazes de criar avanços sobre a obra de seus antecessores, exceto Ramirez, cujo neto José Ramirez III (1922 – 1995) foi autor de relevantes inovações.

Em 1912, o violonista Andres Segovia (1893 – 1987) entrou na loja de Ramirez I dizendo pretender comprar um de seus violões. Com 19 anos, e sequer tendo uma carta de recomendação, Segovia recebeu um olhar no mínimo surpreso do luthier. Segovia reagiu pegando um dos instrumentos e começando a tocá-lo. Ramirez lhe disse para levar o violão, e que esperava em troca algo que não fosse dinheiro. Segovia usou esse violão até pelo menos até 1937, quando ganhou de Hermann Hauser I o que ele chamou mais tarde, no título de um artigo na revista *Guitar Review*, *The best guitar of our epoch*. Usou essa guitarra até 1962, quando um microfone caiu sobre ela e seu som, segundo Segovia, nunca mais foi o mesmo. Foto dessa famosa guitarra, que hoje está no Museu Metropolitano de Nova Iorque, pode ser vista na Figura 2. Seu tampo, feito de abeto da espécie sitka, foi muito escurecido pelo tempo. Seu som, prontamente reconhecível, pode ser ouvido na gravação da Chaconne de Bach feita por Segovia em 1947 (https://www.youtube.com/watch?v=UCnBn2HKCJ8).

Fig. 2 – guitarra feita em 1937 por Hermann Hauser I e usada por Segovia até 1962.

Hauser, numa sucessão de avanços incrementais iniciados nos anos 1920 foi bem adiante de Torres. Seus violões produzem som mais intenso e seu belíssimo timbre varia de maneira singular com a maneira como a corda é tangida.

Segovia deu grande projeção ao violão clássico. Transcreveu muitas músicas de alaúde, piano e violino para o violão, e atraiu muitos novos violonistas de grande talento, com o que também despertou o interesse de muitos grandes luthiers para o instrumento. Segundo muitos, Ignacio Fleta construiu os melhores violões baseados nos Torres, e para alguns seus violões são os melhores já feitos. Desde 1957, Segovia tocou frequentemente violões Fleta e a partir de 1962 passou a usar um Fleta em suas gravações.

Hoje, há centenas de bons fabricantes de violão ao largo do mundo, e dezenas deles têm contribuído com inovações relevantes. Dentre as inovações incrementais, há alterações na espessura do tampo e no desenho das suas travas.

Uma das inovações revolucionárias foi o uso do cedro do Pacífico (*Thuja plicata*), conífera comum no noroeste da América do Norte, para a construção do tampo. Violões com tampo de cedro têm menos harmônicos, o que dá ao seu som uma assinatura facilmente distinguível dos violões com tampo de abeto. O uso do cedro traz alguns problemas: a qualidade do som piora mais do que no caso do abeto em notas muito intensas, e seus sons agudos têm menos volume. Mas houve outras mudanças revolucionárias no projeto do tampo que levaram a maioria dos violonistas modernos a preferir tampos de cedro, como veremos.

Jose Ramirez III foi o primeiro a usar tampos de cedro. Para aumentar a intensidade dos agudos, ele mudou radicalmente o desenho das travas do tampo, como pode ser visto na Figura 3. Com o novo desenho, o lado do tampo correspondente às cordas agudas ficou mais rígido, o que salientou o som dessas cordas. Esse violão, ou outro Ramirez muito semelhante, foi usado por Christopher Parkening (1947 –) na gravação que pode ser ouvida no link https://www.youtube.com/watch?v=0iX8tsA0N7E; Na verdade, foi usado em todo o seu CD *Parkening Plays Bach* (1972).

Figura 3 – travas do tampo do violão de Ramirez III. Foto de gidsguitars.com

A nova inovação revolucionária, realizada no final dos anos 1970 por Greg Smallman (1947 –), foi a invenção das travas em rede, que podem ser vistas na Figura 4.

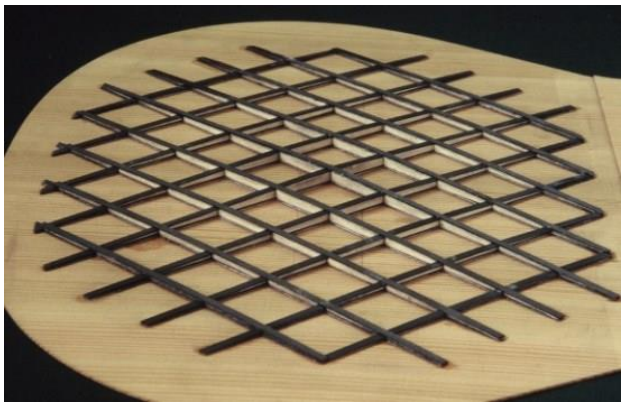

Figura 4 – travas do topo em forma de rede criadas por Smallman. Foto: *nicholas-scott-guitars.co.uk*

As travas em forma de rede deram novo brilho aos violões, e são as preferidas por muitos dos violonistas mais jovens. John Williams (1941 –), apontado por muitos como o violonista de melhor técnica de todos os tempos, há muito abandonou seu violão Fleta e adotou um feito por Smallman. Essa revolução foi seguida por outra, a dos topos duplos, obra de Matthias Dammann (1947 –); nessa concepção, o topo do violão recebeu uma nova placa de madeira, separada da placa de baixo por finas tiras de madeira e, mais recentemente, por um fino dispositivo em arranjo hexagonal denominado Nomex, concebido para aplicações aeronáuticas. Construir violões de duplo topo requer enorme habilidade artesanal, ainda mais no caso de Jim Redgate (1963 –), que incorporou uma corrugação e uma pequena curvatura nas placas do tampo. Os melhores violões da atualidade costumam incluir uma das duas inovações. Em 1917, Redgate, talvez o preferido entre os fabricantes de violão da atualidade, criou o violão modelo Vidovic, feito de cedro com travas em rede, em homenagem à violonista Ana Vidovic (1980 –). Pelo link http://www.siccasguitars.com, podemos ver Vidovic tocando Asturias, de Isaac Albéniz, num violão de cedro com travas em rede, feito por Redgate. Não o que leva o seu nome: não encontrei gravações feitas com esse instrumento, que ainda não se tornou comercialmente disponível. A beleza e o brilho do som dos violões Redgate chamam imediatamente nossa atenção.

Mudanças na técnica de execução

Falar de violão clássico é falar de Segovia, que deu projeção internacional ao violão e demonstrou seu potencial para a execução de música clássica. Segovia permanece sendo a referência em violão e também o padrão com o qual os violonistas têm de ser comparados. Mas as técnicas de execução evoluíram e o número de violonistas aumentou fantasticamente. Resulta disso que há alguns violonistas, às vezes ainda jovens, que superaram a técnica do grande mestre. As mudanças na técnica de execução começaram na América do Sul, principalmente pelo compositor e violonista uruguaio Abel Carlevaro (1916 – 2001). Carlevaro analisou cuidadosamente as variadas dificuldades técnicas envolvidas na execução do violão e desenvolveu métodos de superá-las levando em conta a anatomia humana. Escreveu o célebre livro *Escuela de la Guitarra - Exposición de la Teoria Instrumental* – traduzido para várias línguas – e o complementou com seus cadernos de exercícios, cada exercício

programado para a solução de uma dificuldade técnica específica. Com a prática insistente desses exercícios, o violonista relaxa as duas mãos e as movimenta com maior precisão e agilidade. Quem os vê tocar, acaba imaginando que tudo é muito fácil.

Há duas técnicas para se tanger as cordas com os dedos indicador, médio e anular da mão direita. Uma é o tangido apoiando, adotado por Tarrega, por Segovia e seus seguidores. Após tanger a corda, o dedo repousa na corda adjacente acima dela. Essa técnica dá grande nitidez e intensidade ao som, e funciona bem na melodia. Carlevaro introduziu a prática do tirando, na qual o dedo repousa no ar após tanger a corda. Essa técnica foi usada por muito tempo na execução do alaúde e abolida por Tarrega, que introduziu o tanger apoiando. Mas a técnica de Carlevaro não foi um retorno à técnica dos alaudistas, que mantinham a mão direita perpendicular às cordas. Na nova técnica, a mão direita inclina-se para a direita. O ângulo ideal de inclinação depende dos comprimentos relativos dos dedos e deve ser otimizado por cada praticante. As cordas são tocadas tanto pela pele dos dedos como pelo lado direito da unha – cuidadosamente polida – o que confere um belo som a cada nota. No caso da mão esquerda, o polegar pressiona o meio do braço do violão e a pressão é eliminada em cada translado da mão, o que confere mais agilidade e evita o chiado gerado pelo deslizar dos dedos sobre as cordas. Os quatro dedos que pressionam as cordas são mantidos separados entre si para que um não atrapalhe o outro. O trabalho de Carlevaro foi uma revolução sobre a qual os professores de violão vêm fazendo aperfeiçoamentos incrementais. Quem observar Segovia, Julian Bream ou Parkening – o mais fiel herdeiro de Segovia, que deixou de dar concertos aos 30 anos – tocando, e comparar o movimento das suas mãos com as dos violonistas mais contemporâneos notará facilmente a mudança técnica que vem ocorrendo nas últimas décadas.

Talvez Ana Vidovic tenha uma técnica superior à de qualquer violonista anterior, o que se manifesta na sua maior agilidade, na precisão do tempo e na beleza do seu som. Mas há uma quantidade enorme de violonistas jovens, alguns deles meninos prodígio, educados desde pequenos por ótimos professores. Por fatos puramente estatísticos, é muito provável que nessa nova geração apareçam alguns que superem tudo já visto no passado e no presente. Um caso particular me chama atenção, o do chinês Kuang Junhong (2000 –), que pelo link https://www.youtube.com/watch?v=tHpJHZHUtlI pode ser visto tocando, aos doze anos, o Estudo no.7 de Villa Lobos e a Chaconne de Bach. Sua técnica já era primorosa àquela idade e continua se aperfeiçoando. Já ouvi a Chaconne sendo tocada por dezenas de grandes violonistas e confesso que dessa música, uma das referências no repertório musical do violão, nunca vi execução igual à de Junhong.